

Seminário Livre - Clínica Mental

Clínica mental é fundamentalmente uma relação. Tudo que acontecer na clínica mental será derivado da relação, sejam os sujeitos percebedores do agentes, percebedores, que eles levem isso em conta e os que não levem em conta. Não precisa que o sujeito esteja levando em conta. Isso estará acontecendo. Pra gente enfrentar o tema da teoria e do desagrado da teoria.

Isso é da ordem . Freud tá fazendo a teoria, descrevendo um fenômeno. Freud está ampliando o campo relacional humano, descrevendo o fenômeno. Então eu considero que a fundação do campo relacional como recurso terapêutico é uma derivação dessa produção Freudiana. É disso aí que nós, sobre essa reflexão, em torno dela, levando isso em consideração, é que nós vamos poder desdobrar, enriquecer, criar e tem todos os artigos sobre isso.

Na semana que vem, se der certo, eu me lembrarei de contar para vocês, exatamente recontar o caso anedótico de que em que circunstâncias Freud se deu conta das transferências, bem elucidativo na história da psicanálise e a gente pensar como é que o tema da relação é negligenciado na nossa reflexão sobre a clínica mental.

E se não levar em consideração a relação como recurso, costumo dizer “Nós não somos predigitadores, não somos mágicos, não somos místicos, não temos a força do pensamento positivo, não temos truque ou abracadabra”... E as vezes eu sinto que os colegas profissionais de saúde mental, tem muita dificuldade de pensar "O que me constitui? Por que tenho essa potência? O que há em mim? O que eu tenho que me torna potencialmente um trabalhador de saúde mental?".

Tenho uma compreensão de que qualquer coisa que aconteça na direção que venha ser chamada de um tratamento, ela suporá que eu tenha uma autocompreensão de que esse tratamento se dará através de uma relação em que eu sou parte dessa relação e que minha parte não é uma parte qualquer. E que a minha relação e a minha parte não uma parte igual a outra parte, "é a parte que me cabe desse latifúndio", a parte do agente, é uma parte marcada pelo motivo de conhecimento técnico.

É o que a gente chama de tecnologias relacionais baseadas em manejos vinculares. Aí nós vamos entender o acompanhante terapêutico, a oficina, a psicoterapia, a psicanálise, elas são todas parte de uma mesma coisa, ela faz parte do bloco dessas tecnologias relacionais baseadas em manejos vinculares. Na próxima semana a gente pode também refletir sobre a passagem da noção de transferência para a noção de vínculo; acho uma coisa importante porque às vezes não fica claro de que a

matéria da transferência, é a mesma matéria do vínculo e que na verdade é um outro modo de dizer que faz recobrir um campo mais... complexifica um pouco o fenômeno. Porque a transferência está posta nessa condição de uma relação dual. O vínculo está posto como o estandarte social do qual a transferência a especificação. Nós temos um estandarte social que é o vínculo; e a transferência é uma especificação do estandarte social em uma circunstância terapêutica específica.

Mas do mesmo modo que no campo terapêutico foi possível a readequação da ideia de transferência para uma ideia de vínculo, como Pichon fez, é possível você ter uma forma de leitura das dinâmicas vinculares e uma forma de condução diante das dinâmicas vinculares, mantendo o estandarte freudiano. O estandarte é o vínculo, existe um sujeito que tá com conhecimento sobre o fenômeno e esse conhecimento de treinamento subjetivo, permite que ele experimente certa circunstância e seja capaz de fazer certas coisas que as pessoas que não conhecem dessa matéria não são capazes.

Conhecer dessa matéria, torna possível que você faça coisas, que você que não conhece só vai ter o empírico... vai fazer grupos, todo mundo tentar produzir a felicidade nas pessoas, tentar produzir oficinas, espaços catárticos, cada um pode contribuir méritos e detalhes aí, a situações sociais. Elas são plásticas e é "dá pra rir ou pra chorar". Elas podem ser muito interessantes mas não podem ser desastrosas, e o sujeito pode conduzir isso como se estivesse numa aventura, nunca sabe o que vai se passar.

E outra coisa é que você pode conduzir isso como um agente técnico que maneja informações e recursos afetivos, emocionais simbólicos de forma que faça convergir a produção de certas coisas que você deseja produzir, de certas coisas que você considera que são boas, que se produzam, você tem intencionalidade, você passa a ser um agente de uma técnica. Você passa a agir tecnicamente, você guia, se conduz por esse pensamento, que lhe permite estar no meio de uma sala, de um serviço, com um paciente, dois ou dez pacientes, e você nessas circunstâncias todas não esquece qual é o seu papel e se guia, se orienta a partir das coisas que você acha que devem ser feitas. Então quem sabe a gente segue nesse desdobramento de transferência e vínculo.